

O INCONSCIENTE DESDE A PSICANÁLISE

Dilson Brito da Rocha*

Resumo: Neste estudo temos o objetivo de perseguir a noção de inconsciente na psicanálise. Entretanto, essa não é uma palavra necessariamente psicanalítica. Ela já aparece na filosofia romântica, em autores como Friedrich W. J. von Schelling e Arthur Schopenhauer. Se quisermos, ela perpassa a história da filosofia, tendo como significado a parte irracional do homem. Platão alude o inconsciente como sendo a divina loucura. Freud, um assíduo leitor do mundo grego antigo e, sobretudo de Platão, recupera o conceito de inconsciente daquele que ele chama de seu precursor, a saber, Schopenhauer.

Palavras-chave: Inconsciente; Psicanálise; Irracional.

Abstract: In this study we aim to pursue the notion of the unconscious in psychoanalysis. However, this is not necessarily a psychoanalytic word. It already appears in romantic philosophy, in authors such as Friedrich W. J. von Schelling and Arthur Schopenhauer. If we want, it permeates the history of philosophy, having as its meaning the irrational part of man. Plato alludes to the unconscious as divine madness. Freud, an assiduous reader of the ancient Greek world and, above all, of Plato, recovers the concept of the unconscious from what he calls its precursor, namely, Schopenhauer.

Keywords: Unconscious; Psychoanalysis; Irrational.

Introdução

Arthur Schopenhauer defende que existe em cada homem uma dupla subjetividade, a saber, uma que diz “eu” e outra que diz “natureza”. Evidentemente, a subjetividade da natureza, que tem o ser humano como sendo seu funcionário, para a própria economia (economia de conservação), é a dimensão esquecida pelo homem. O filósofo elucida sua ideia se valendo da célebre alegoria/fábula dos porcos-espinhos:

Um grupo de porcos-espinhos ia perambulando num dia frio de inverno. Para não congelar, os animais chegavam mais perto uns dos outros. Mas, quando ficavam suficientemente próximos para se aquecer, começavam a se espetar com seus espinhos. Para fazer cessar a dor, dispersavam-se, perdiam o benefício do convívio próximo e recomeçavam a tremer. Isso os levava a buscar novamente a companhia uns dos outros, e o ciclo se repetia, em sua luta para encontrar uma distância confortável entre o emaranhamento e o enregelamento. (SCHOPENHAUER, 2009, p. 167).

* Graduando em Psicologia na FIB/Bauru, SP; Graduação em Filosofia pela UNIFRAN/Franca, SP; Graduação em Teologia pela UNISAL/São Paulo, SP; Mestrado em Filosofia pela UNESP/Marília, SP; Mestrado em Teologia (Patrística e Escolástica) pela PUG/Roma, Itália; Docente na FIB - Faculdades Integradas de Bauru. E-mail: dilsondarocha@gmail.com

Sigmund Freud nasceu em 1856, em Freiberg in Mähren, Morávia. Sua família tem origem hebraica, e se transfere para a capital do Império austríaco, Viena. Ainda em tenra idade Freud demonstrou uma grande capacidade intelectual e um particular interesse pelos vários aspectos da “natureza” humana. Decide, porquanto, se inscrever na faculdade de medicina, vindo a se especializar em neurologia. Durante três anos trabalha no Hospital Geral de Viena, no cuidado de pacientes afetados por problemas neurológicos.

Neste triênio tem dois encontros fundamentais, quais sejam, com aquela que se tornaria sua esposa, Martha Bernays, e com Josef Breuer, um neurofisiologista, que ocupará um posto relevante em sua vida e em sua pesquisa. Em 1885 Freud começa uma rápida carreira acadêmica e, um ano depois, abre um consultório em Viena, no qual atende os pacientes lançando mão da técnica da eletroterapia e da hipnose.

A notoriedade de Freud como psiquiatra se dá com o estudo acerca da histeria. Neste senso, é célebre o caso de Anna O.¹, uma mulher acometida por um quadro nominado na época de histeria, e marcado por sintomas como depressão, nervosismo, tendência ao suicídio, paralisia, perturbações visuais, contraturas musculares e outros, o que a deixavam praticamente inválida. Sua cura se tornou célebre graças à publicação do livro intitulado no original *Studies on Hysteria*, datado de 1895, que assinala a gênese da descoberta da psicanálise.

A teoria de Freud que liga a doença psíquica à esfera sexual inconsciente promove um escândalo no cenário científico vienense, que impõe resistências. Em 1900 Freud publica uma de suas obras mais conhecida, a saber, *A Interpretação dos Sonhos*². Assim, ele sai do isolamento e anonimato e começa uma intensa atividade de conferencista, tornando notável sua descoberta no meio de um público cada vez maior. Cumpre salientar que, em 1933, em Berlin, o regime nazista queima, entre outros, os livros de Freud, e a psicanálise é denunciada como ciência hebraica. Em 1938 a família Freud deixa para sempre Viena e se muda para Londres, local onde Sigmund Freud morre em 1939.

¹ Se trata de Bertha Pappenheim, que ficou conhecida pelo pseudônimo Anna O., criado pelo neurofisiologista Josef Breuer em seu livro *Studies on Hysteria*, escrito em parceria com Sigmund Freud.

² Título no original: *Die Traumdeutung*.

Pulsões

O interesse da espécie é a procriação. A espécie fornece para cada pessoa duas substanciais pulsões, quer dizer, a pulsão sexual, para a procriação, e a pulsão agressiva, para a defesa da prole. Freud localiza essas duas pulsões no inconsciente, que não é pensado comumente. De fato, nossa vida é decidida por meio de nossa projetividade, nossos investimentos pessoais, nossos sentidos sobre nossa existência, e nunca nos vemos ou pensamos como simples funcionários da espécie. Entre essas duas pulsões há um tremendo conflito e, tão logo, podemos asserir que quem decide sobre nossa existência é a espécie. De tal forma, para viver ou para ter um sentido, o “eu” é forçado a se iludir, a jogar com os pensamentos, com a esperança, com os projetos, como o cenário da autorrealização. Porém, o verdadeiro limite da existência é que cada um deve nascer, crescer e morrer segundo os ditames da natureza. Ao assumir Schopenhauer mais uma vez, Freud asseriu o que segue acerca da vida pulsional:

Detenhamo-nos por um momento nessa concepção notadamente dualista da vida pulsional. De acordo com a teoria de E. Hering, na substância viva operam ininterruptamente dois tipos de processos, em direções opostas – uns construtivos, anabólicos, os outros destrutivos, catabólicos. Podemos ousar reconhecer, nessas duas direções dos processos vitais, a atividade de nossos dois movimentos pulsionais, das pulsões de vida e das pulsões de morte? E há outra coisa que não podemos ignorar: que inadvertidamente adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é “o autêntico resultado” e, portanto, o objetivo da vida, enquanto a pulsão sexual é a encarnação da vontade de vida. (FREUD, 1920/2010, p. 219-220).

Freud lança a hipótese de que em cada pessoa há um fundo, que ele alcunha de inconsciente, que podemos, em virtude de uma simplificação, chamar de inconsciente pulsional, no qual são expressas duas potências que serve à economia da natureza, a conservação da espécie. Essas duas pulsões, já nominadas, se chamam sexualidade e agressividade. Não são, todavia, instintos, já que o homem é privado de instinto, no sentido de que instintos são respostas rígidas aos estímulos. O homem não tem respostas rígidas aos estímulos. O próprio Freud, inicialmente, operava com a palavra *instinkt* (instinto), e posteriormente a abandona, substituindo-a com uma palavra mais adequada, ou seja, *trieb* (pulsão).

Id, ego e superego

Segundo Freud o aparato psíquico é composto por três instâncias, ou melhor, id, ego e superego. Podemos chamar o id a mais antiga província da psique. Seu conteúdo é tudo aquilo que é

herdado, presente desde o nascimento, estabelecido por constituição. Antes de tudo, é a pulsão primitiva, que tem origem na organização corpórea. É o inconsciente entendido como outro, o ser desconhecido que vive em cada um de nós. O superego, por seu turno, é aquela área da psique dita consciente, sendo o senso de dever. Nasce da interiorização das regras e proibições recebidas por meio da educação familiar, nos primeiros anos de vida. Tem a função de julgar e censurar, com relação ao eu. O superego age, em grande parte, em nível inconsciente.

O ego (eu) é a parte consciente da psique, sendo a única em contato direto com o mundo externo. Nela se encontram todas as tradicionais faculdades da alma, como escrita desde a antiguidade: sensação, pensamento, fantasia, memória e intelecto. O ego mediando os instintos do id e os deveres do superego, faz o trabalho para manter o delicado equilíbrio, o qual consiste na saúde mental e a personalidade do indivíduo.

Segundo Freud, somos compostos por três partes. Se trata de três componentes: i- inconsciente pulsional, onde há as exigências da espécie, ii- inconsciente social, onde há as exigências da sociedade, e iii- eu, que deve se manter afastado dessas duas instâncias, contraditórias entre si. Quando uma pessoa se diz equilibrada quer dizer que o ego equilibra esses dois inconscientes contraditórios.

Se fala em contradição pelo fato de que a pulsão quer se exprimir. Mas se nós exprimissemos todas as nossas pulsões criaríamos uma situação sem condições de viver em âmbito social. Então, existe o dever de conter as pulsões e, para fazê-lo se faz necessário a segunda formação psíquica, que Freud chama de superego, no qual se exprimem as exigências da sociedade que, se observadas, garante uma convivência não beligerante, não conflituosa, não usurpadora, que é a condição da convivência. Neste sentido, Freud diz que a humanidade seria feliz se pudesse exprimir plenamente as pulsões, mas precisou trocar um pouco de felicidade para alcançar um pouco de segurança.

As instâncias sociais são os deveres, os limites, que cada um deve se impor a si mesmo, que é a plena explicação da própria pulsão, sem o que teriam relações conflituais, e de satisfação contínua. Segundo Freud esta limitação é adquirida na infância por meio da interiorização dos deveres. A interiorização dos deveres, entretanto, se dá sob uma base egoística, já que a criança interioriza os deveres devido ao fato disso ser vantajoso para sua existência. O egoísmo é constitutivo do instinto de conservação, o qual utiliza de estratégias também amorosas para, seja na forma de sedução ou na forma de obediência, garantir a própria sobrevivência.

Ocorre que, existe a moral heterônoma, na qual se observa os deveres e as leis apenas na presença de um semelhante. Assim acontece com a criança na presença dos pais, até que se dê a interiorização dos deveres ou a observância das exigências das leis. Quanto o faz sem a presença do outro, então se chega à moral dita autônoma, tendo se dado a interiorização das leis. Neste momento se cria dentro de si uma espécie de policiamento interno, um elemento interno que supervisiona. Este elemento conflita com os desejos, com a necessidade de exprimir as próprias pulsões.

O caso Anna O. e a neurose

O caso clínico que faz emergir a origem da psicanálise é aquele de Anna O., uma pessoa culta e inteligente afetada por sérios distúrbios histéricos, quais sejam, paralisia motora, problemas de visão, tosse nervosa, estado de confusão, afasia, anorexia e hidrofobia. Anna O. estava sendo tratada por Josef Breuer, de modo que todas as noites o neurofisiologista fazia seu acompanhamento. Depois de hipnotizá-la, fazia com que ela falasse. Ela falava de episódios de um período de sua vida muito doloroso, no qual precisou assistir ao pai gravemente doente. Breuer notou que quando Anna, na evocação de um episódio doloroso, conseguia reviver intensamente as emoções ligadas ao episódio. Ao término da evocação, o distúrbio desaparecia.

Como aludimos, os deveres conflitam com as pulsões, e as exigências da sociedade conflitam com os desejos. O ego é um equilibrador, mantendo afastado o excesso dos deveres e os excessos pulsionais. Esse “eu” é sempre neurótico devido a essa “tarefa” de equilíbrio. O inconsciente social é chamado de inconsciente devido ao fato de que, uma vez interiorizado os deveres não há mais necessidade de refletir sobre aquilo que devemos ou não devemos fazer. O “eu” é neurótico porque, sofrendo a pressão ora do inconsciente pulsional ora do inconsciente social, está sempre em um estado de ajustamento, se posicionando às vezes de um lado e às vezes de outro. A neurose é, então, o conflito entre o mundo pulsional e o mundo dos deveres. Quando o ego é suprimido por algum desses dois mundos então falamos de psicose ou de loucura. Freud se debruça apenas sobre o mundo das neuroses, ou seja, onde o eu se faz presente.

O homem é um animal desejante. Ele deseja, evidentemente, aquilo que não possui. A estrutura psíquica é regulada por aquela dimensão que se chama falta. A palavra desejo prevê, portanto, um intervalo entre aquilo que desejamos e o objeto que satisfaz nosso desejo. Esse intervalo é

a construção da psique. Quando não há esse intervalo Freud fala de princípio de prazer. Ele mal se adapta com a realidade. Ao crescer somos forçados a alcançar a satisfação de nossos desejos por meio do “trabalho psíquico”. A psique não é alguma coisa que as pessoas nascem com ela, mas se constitui através o trabalho psíquico caracterizado pela distância que a realidade impõe entre o nosso desejo e a sua realização. Chegar no trabalho psíquico significa chegar naquilo que Freud chama de princípio de realidade. A realidade nos impõe um certo trabalho para alcançar a satisfação dos desejos. Neste senso, o infantilismo não é outra coisa senão a renúncia ao trabalho psíquico para se satisfazer, sendo, portanto, uma regressão ao mundo infantil.

As fases do desenvolvimento psíquico

O mundo infantil é organizado por Freud através de três fases, onde se concentra aquilo que ele chama de libido, que não deve ser entendido apenas em termos sexuais. A libido é substancialmente energia psíquica que se concentra em algum lugar de nosso corpo. Ela se concentra sobretudo na boca, pois se não houvesse o prazer da alimentação, possivelmente as crianças não cresceriam. Para comer precisa mover os músculos, havendo certa fadiga, devendo ser compensada por um prazer. Neste momento toda a libido se concentra na boca. É a fase oral. Esta primeira fase concerne aos dois primeiros anos de vida. Aqui vemos a espécie em ação. Pois, é necessário que as crianças cresçam para procriarem, a fim de manter a continuidade da espécie.

A segunda fase é a anal, na qual a criança começa a adquirir uma sorte de domínio sobre o próprio corpo, no sentido de que depende da criança liberar ou conter as fezes, tendo sua decisão. Esta é a primeira forma de controle sobre o mundo, diz Freud. A partir daqui a figura metafórica que se desenvolve é o controle do mundo. Daí sai uma figura antropológica fundamental, que é o poder. Enquanto na primeira fase, por meio da alimentação se desenvolve o componente do ter (ter a comida), não há ainda um ser na criança, na segunda fase há o exercício do poder, o poder de controlar. Também nesta fase se pode ser muito gratificado e satisfeito com o controle, assim como se pode ser pouquíssimo satisfeito. Temos então, dois processos, ou de fixação nesta fase, ou de regressão a esta fase.

Há um consenso de que tanto na regressão ou na fixação depende de patologias. Se tomamos a fase oral, quando alguém é fixado nesta fase ou que regrediu a esta fase haverá pelo menos os distúrbios da alimentação. A comida é sempre um grande drama para o ser humano na forma

da aceitação ou da renúncia da própria vida, de modo que sempre está implícito na relação com o alimento uma relação com a questão “se devo existir ou não”. Também está conexo à segunda fase (anal) uma relação com o poder, que se forma a personalidade que se diz líder ou seguidor, segundo a satisfação que se teve nesta fase, ou, por outro lado, da insatisfação. Os líderes são figuras que não podem prescindir da necessidade do controle generalizado do mundo que o rodeia e, naturalmente esta é a sua versão patológica, denominada paranoia, isto é, a necessidade de controlar todo o mundo em torno dessa pessoa. Como é incapaz de controlar todo o mundo no entorno, toda falha desse controle é interpretada como um efeito de perseguição, pensando que os outros o odeiam. Por isso os paranoicos são animados por visões persecutórias.

A terceira fase é a edípica, que torna Freud célebre. Esta fase consiste na relação com o pai e com a mãe em uma forma significativamente dramática.

O complexo de Édipo

Freud toma essa questão da tragédia/mito de Sófocles, dizendo respeito a qualquer fase do desenvolvimento psíquico. Quando lido metaforicamente é formidável, pois se aprende duas dimensões fundamentais da existência humana, que são a identidade e a relação. Isso se adquire durante o percurso edípico, ou seja, dos quatro aos seis anos de idade, segundo Freud.

No mundo masculino os meninos desejam dormir com a mãe. Aqui se usa uma linguagem do inconsciente, que não é uma linguagem regulada pela razão. Para seduzir a mãe o filho imita o pai. O filho não está apenas imitando o pai, mas aprendendo como se tornar como o pai. Neste processo de imitação o filho cria a própria identidade masculina. Aprende a se tornar macho. Quando aprende a se tornar macho, não vai para cama com a mãe, mas é o pai que continua a fazê-lo. Neste momento há aquilo que Freud chama de frustração. Para o menino, ele fez tanto esforço para se tornar como o pai e para chegar perto do objeto de desejo, e não conseguiu esse objeto.

Esse processo de frustração tem dois possíveis resultados, ou um resultado depressivo, já que, malgrado os esforços do menino ele não alcançou a meta, ou um efeito incentivador. Aqui o menino adquire sua identidade imitando o pai. E aprende sua relação com o outro sexo, amando

o primeiro representante do outro sexo, que é a mãe. Portanto, aprende a identidade e a relação. Metaforicamente, quer matar o pai para tomar seu posto e amar a mãe para amar os outros.

No mundo feminino é mais complexo, pois não há uma equivalência entre o mundo masculino e o feminino. O mundo feminino é marcado por dois, enquanto o masculino é marcado por um. O corpo feminino é já construído para dois, um e outro. O outro, do ponto de vista da economia da espécie se chama filho. Então, a mulher, antes de tudo é relação (eu e o outro). A partir da relação constrói uma identidade. nos masculinos, ao contrário, tendencialmente, a identidade se instaura com a relação, mas esta relação não é o constitutivo do masculino como o é para o mundo feminino. Por isso, a psique feminina é mais complexa do que a masculina. Esta complexidade vem também do fato de que, a menina, ao chegar na idade da puberdade, começa a considerar sua identidade.

No momento em que começa a se dá conta de seu corpo, a perceber os ditames de seus desejos e as instâncias sociais, a menina percebe que seu corpo serve para outro, o que designa a economia da espécie. O processo menstrual é uma espécie de memória que lembra à menina que ela é um “eu”, mas é também uma funcionária da espécie. Também o homem é um funcionário da espécie, mas, não tem uma percepção física, nem tampouco psíquica como se dá nas meninas.

No caso do complexo de edípico, pensemos no caso feminino que é o caso invertido. A menina ama o pai e quer tomar o lugar da mãe, mas isso não é certeza. Isso é devido a dupla subjetividade que tem na mulher, ou seja, funcionária da espécie e o eu. Ela quer se tornar mãe (funcionária da espécie), mas pode refutar essa possibilidade. Então, o complexo edípico não é equiparável àquele caso masculino, ou seja, não é preciso e definido. E essa indefinição é aquilo que estabelece na mulher uma sorte de polivalência, de capacidade perceptiva, cognitiva e emotiva no mundo muito menos definida, muito menos precisa em comparação com a masculina, e é mais rica que no homem.

O Mal-estar na Civilização

Há um último capítulo de Freud muito importante. Ele tem, além de tudo, um componente profético. Em um livro escrito dez anos antes de sua morte, datado de 1929, intitulado *O Mal-estar na Civilização*, Freud supõe que nossa civilização seja muito severa em termos de regras

de convenções, de proibições com relação às expressões do mundo pulsional. Ele exprime essa ideia com a frase que reza que “o homem trocou grande parte de sua felicidade por um pouco de segurança.” O mito da segurança é um mito em voga ainda hoje, mas não devemos esquecer que a segurança pede um sistema de regras que, quando se torna excessiva, comprime a vida e a felicidade. O lugar eminente da segurança hoje, e que é o lugar mais potente das regras e convenções das práticas é constituído pelo mundo da técnica que, evidentemente, Freud não se debruçou.

A técnica é um sistema de regras muito rigoroso. Essa propõe como modelo a máquina, e o homem é inferior em termos de eficiência, precisão, regularidade, visto que o homem tem humor, adocece, as mulheres engravidam, ou seja, não funcionamos bem como as máquinas. Por isso podemos somar ao inconsciente pulsional e ao inconsciente social assinalado por Freud, uma espécie de inconsciente tecnológico, no qual não somos nós mesmos, mas a função que desenvolvemos, onde não conta o nome mas a função que cada um tem. Assim, somos vistos a partir do nosso papel. Se de um lado somos funcionários da espécie, hoje somos também funcionários dos aparatos.

Esse inconsciente tecnológico é o lugar onde se coloca entre parênteses o indivíduo, o sujeito. Aqui vale lembrar de outro grande expoente da psicanálise, que é Carl Gustav Jung. Este indica como cenário psicanalítico aquele de se tornar si mesmo, além dos papéis, além das funções que a sociedade exige de nós para a sua economia e não para a nossa economia.

Carl Gustav Jung

Jung era um psiquiatra, enquanto Freud era um neurologista. Fazendo uma digressão neste momento, temos que, para Paul Eugen Bleuler³, contemporâneo de Jung, todos nós nascemos em um contexto esquizofrênico, habitado por muitas personalidades, por muitas figuras, por um teatro de demônios. Neste contexto de muitas figuras uma tem vantagem, ou seja, aquela que se chama “eu”. E quando essa figura se afasta de todas as outras, então temos o “em si”. Ao invés, se não for bem-sucedida neste seu trabalho de contenção, e isso pode acontecer em qualquer momento da vida, então todas as outras personalidades podem explodir, e nos

³ Se trata de um psiquiatra suíço notável pelas suas contribuições para o entendimento da esquizofrenia, esquizoide e autismo.

tornamos muitas vezes crianças ou idoso, inteligente, depressivo, contente, na nossa manifestação. São todos motivos humanos, presentes em nós, no nosso inconsciente, que como dissemos, pode sair de dentro de nós quando não tivermos mais força para contê-los.

Há pouco falávamos do conflito entre inconsciente pulsional e inconsciente social. A psicose é quando esse conflito elimina o espaço do eu, e o espaço da razão. Pois bem, Bleuler e Jung enfrentam o cenário da loucura. Jung estende o mundo psicanalítico não somente sendo o lugar de tratar das neuroses, onde o eu está sempre presente, mas também da psicose, onde o eu pode ser também surpreendido com a força do inconsciente. Neste cenário emerge uma consideração de fundo jamais pensada por nós, já que nos achamos sãos, normais, racionais. Mas essa sanidade, normalidade, racionalidade é alguma coisa que todo dia devemos construir. Pois o cenário que nos distingue, que nos individua é o cenário da loucura.

Cada um de nós é louco e se orienta diariamente em termos racionais. Essa é a grande contribuição de Bleuler e Jung. Cada um de nós quando acordo sai de um contexto de loucura. No mundo noturno e dos sonhos não funcionam as regras da razão. Nosso sonho é caracterizado pela ausência do princípio da não contradição. No sonho podemos ser homens ou mulheres, adulto ou criança etc. Não funciona também o princípio de causalidade, não funcionam o espaço e o tempo (por exemplo, um sonho pode começar em Londres e terminar em Roma), não funciona a categoria da temporalidade. Ou seja, não funciona nada de racional. E então, quando acordamos devemos recuperar toda a organização da razão. É uma ordem egóica, e a fazemos com certa fadiga. Por isso, a primeira hora que acordamos é o momento mais ritual do dia. Fazemos sempre a mesma coisa. Vivemos, neste momento, em terceira pessoa, sendo o trabalho que nossa psique está fazendo para recuperar o mundo da razão.

Nós somos também loucos. A estrutura da loucura é aquilo que distingue as pessoas umas das outras. A nossa específica loucura é aquilo que nos individua. Pois, no que concerne a razão somos todos iguais, pois observamos sempre as mesmas regras. A humanidade nasce depois que sai da loucura que se encontrava. Essa loucura é atribuída ao mundo dos deuses que o homem pensa como antecedentes de sua história antropológica. Neste sendo, Heráclito foi muito claro ao dizer que Deus é dia e noite, verão e inverno, saciedade e fome, paz e guerra, ou seja, é uma contração de opostos. Então, é a loucura, é o indiferenciado. Para Heráclito, o homem, pelo contrário, é justo uma coisa e injusto outra. Para Deus, tudo é belo, tudo é bom, tudo é justo. O homem expulsa a loucura de si e a atribui ao mundo dos deuses. Mas os deuses não são outra coisa que a representação mitológica da nossa estrutura profunda inconsciente.

Nosso inconsciente não é somente como dizia Freud, ou seja, sexualidade e agressividade, mas é o indiferenciado de onde a consciência sai e que olha o indiferenciado como sua gênese, e com qual tem uma relação substancialmente ambivalente, no sentido que atrai pela própria origem e ao mesmo tempo a teme, pois o indiferenciado tem a potência dos deuses, uma potência superior do que a força da razão. Resgatemos neste momento o que Freud entendia por inconsciente:

Para Freud o inconsciente é uma das *qualidades psíquicas* que, juntamente com o pré-consciente e o consciente, formam a figuração espacial do aparelho psíquico. Todo fato psíquico pode ser, assim, *inconsciente*, depois tornar-se *pré-consciente* e *consciente*, ou vice-versa. Portanto, o inconsciente é uma hipótese suscetível de explicar que os sonhos, as angústias, as neuroses e certas “esquisitices” da vida cotidiana, reagrupadas sob o nome de *atos falhos* (lapsos, esquecimentos, perdas de objetos etc.), não constituem, aos olhos da psicanálise, atos desprovidos de sentido. Para Freud, boa parte daquilo que constitui nosso ego ou nossa consciência (por exemplo, desejos, lembranças etc.) é inconsciente e escapa, embora ativamente, à nossa consciência. Os desejos e as lembranças que se tornaram inconscientes são chamados de *recalcados*: tudo se passa como se nossa consciência não quisesse conhecê-los, embora não consiga aboli-los. Eles se manifestam em nossa vida consciente sob a forma de “esquisitices” (sonhos, atos falhos) cujo sentido ignoramos. Antes de se manifestarem à consciência, os desejos e as lembranças recalcados são submetidos a uma *censura* que os despista e os torna inacessíveis. *Recalque* e *censura* são também processos inconscientes. Quanto aos fatos psíquicos *latentes* (que se ocultam), mas suscetíveis de se tornarem *conscientes*, Freud os chama de pré-conscientes. Filósofos e psicólogos utilizam o termo *subconsciente* para designar aquilo que pertence ao espírito e é suscetível de tornar-se consciente, embora não o seja atualmente. (JAPIASSÚ, 1996, p. 140-141).

Jung se tornou conhecido pelo fato de ter se ocupado da história da humanidade em todas suas facetas, sobretudo a história da religião. Na religião, a divindade é a simbólica da loucura. A loucura é essa dimensão pré humana que cada um de nós conserva no seu “interior”, onde são contidas todas as possibilidades não desenvolvidas, no estado primordial, potencialmente expressiva, que caracteriza nosso humor. Nós não somos os mesmos de manhã até a noite, mas se dá de acordo a qual personalidade está presente.

Às vezes somos como crianças e as vezes sábios como os idosos, às vezes femininos, às vezes hiper másculos. Ou seja, há as personalidades latentes dentro de nós que coloram nosso humor até que somos normais e que toma posse de nossa personalidade quando o eu colapsa. Este é o cenário que Jung enfrenta, o cenário da loucura. Ele amplia o conceito de inconsciente, não sendo apenas sexualidade e agressividade para a economia da espécie, mas o lugar onde mora uma população, que diz respeito às nossas possibilidades de existências não expressas que encontram expressões e condições de nosso humor e, nos casos graves, na loucura quando essa se exprime.

São fundamentais em Jung dois conceitos. O primeiro é o conceito de símbolo, que é radicalmente diferente daquele de Freud. Para este, símbolo equivale a sinal. Para ele há uma correspondência entre o que é sonhado e o significado de referimento. Em Jung não há essa correspondência. Os símbolos são entendidos desde a acepção grega *σύμβολον*, que quer dizer colocar juntos os opostos. E é um símbolo até que não seja codificado. Por exemplo, a cruz cristã é um símbolo até que não signifique um Deus que morreu. Quando se torna um emblema de uma religião, o crucifixo, então se torna um sinal, perdendo sua potência, não fazendo mais história. Se torna apenas um elemento identificador. Os símbolos são forças, e não são interpretados, mas agem. O símbolo é o excesso de significado. Os poetas, por exemplo, se movem nos símbolos. Eles pertencem à loucura, sem as regras racionais, assim como as crianças, vivendo no mundo da polivalência. Por isso, sobre os poetas Platão assevera que:

Com efeito, o poeta é uma coisa leve alada, sagrada; e não consegue criar, antes de sentir a inspiração, de ficar fora de si e o pensamento não habita mais nele; até que tenha essa aquisição, todo homem é incapaz de compor e de proferir oráculos. Então, já que não é por técnica que eles fazem e dizem muitas e belas coisas sobre os acontecimentos, como tu sobre Homero, mas por parte divina; cada qual é capaz de compor de maneira bela só naquele gênero para o qual a Musa o precipitou. (PLATÃO, 1988, p. 51).

É esse o cenário que Jung descreve. Nós passamos por esse cenário, e não o abandonamos jamais. Por isso Jung propõe mudar o conceito de consciente para o “se tornar consciente”, pois consciência é um trabalho, não é um estado. É uma contínua superação da dimensão da loucura.

A segunda característica que diferencia Jung de Freud é a concepção finalística da neurose. Para Freud a neurose é apenas um descontentamento do passado. Para ele a neurose é o lugar onde se manifesta a negatividade da experiência. Para Jung, a neurose é um significado final, isto é, assinala uma indicação, uma perspectiva de vida, uma vocação, algo que a pessoa talvez podia fazer e não fez. Por isso se adoce não somente pelo fato de experiências negativas, mas sobretudo por causa das possibilidades não experimentadas.

A neurose, então, não é somente um efeito de uma causa, mas também uma indicação de uma finalidade. Jung, assim, tem uma leitura finalística da neurose. Ou seja, se pergunta o que se pode fazer com a neurose. Quer dizer, por que não usar também a neurose com essa finalidade? Essa de Jung é uma visão não necessariamente trágica, nem tampouco excessivamente terapêutica. Também a doença pode ter um significado, uma finalidade, um sentido, um futuro.

Talvez a coisa mais bela da psicologia analítica de Jung é o conceito de individuação. O escopo da psicanálise é o processo de individuação. Isso pode ser traduzido com uma frase emblemática

de Nietzsche, ou seja, “se torna aquilo que és”. Isso significa que na nossa vida continuamos a seguir modelos que são necessários para crescer com o processo imitativo. As crianças crescem porque veem e imitam. Mas depois precisa deixar essas imitações e se tornar aquilo que propriamente é. É, de fato, o reconhecimento de si.

Por trás desses conceitos há a cultura grega. No oráculo de Delfos havia a descrição “conhece-te a ti mesmo”. A primeira condição para se tornar si mesma é reconhecer a si mesmo. Significa que, conhecer a própria potencialidade, a própria *ἀρετή* (*aretê* / virtude), a própria capacidade. Aquilo pelo qual cada um nasceu. E se se souber o porquê nasceu, ou melhor, se se tornar a si mesmo além dos modelos que quer imitar se chega à felicidade. Assim, o escopo da análise é se tornar si mesmo. Para tanto, é necessário sair do comportamento coletivo, diz Jung. Não precisa ser como os outros. Não precisa nem tampouco ser o centro, pois individualidade não quer dizer centralidade. Mas se tornar si mesmo é a condição não somente da saúde, mas da felicidade mesma.

Considerações finais

Jung defende que, na primeira parte da vida se necessita proceder de modo freudiano, pois é necessário construir o eu, a partir daquela população inconsciente, a loucura que temos dentro de nós. A segunda parte da vida precisa ser junguiana, ou seja, precisa recuperar a loucura que mora em nós, pois o eu, uma vez constituído, para alimentar-se deve visitar sua fonte, que é irracional. Ocorre que, a razão não cresce, não cria, pois ela é um sistema de regras, tanto é que o que na psicologia se chama eu, na filosofia se chama razão. Para que alguma coisa nasça é necessário sair da regra e ir além dela. Os criativos são loucos, por exemplo, o artista somente é artista devido ao fato de acessar a própria loucura em sacrifício de si mesmo.

Com Freud e Jung temos dois cenários diversos da psique. Isso nos leva a inferir que a psique não é alguma coisa imutável, mas é uma visão de mundo. Assim, o fato de haver visões psicanalíticas diferentes é muito relevante, pois a psicanálise não é uma ciência, mas é um lugar de interpretação do humano e do mundo, pois também o humano é diverso.

Talvez a metáfora sexual com a qual Freud construiu sua psicologia não seja mais uma metáfora potente, pois passamos de uma sociedade da disciplina, na qual o conflito se dava entre desejo e repressão, para uma sociedade da eficiência, onde a angústia não é mais um conflito entre

desejo e repressão, mas a ânsia de ser à altura dos aparatos técnicos de trabalho, burocráticos e sociais que nos são solicitados, exigidos. O conflito hodierno é o de inadequação sobre a capacidade de alcançar os objetivos que nos são atribuídos, por meio dos quais somos reconhecidos, o reforçamento de nossa identidade.

Esses problemas não eram presentes nem na psicanálise de Freud nem de Jung, já que não viveram nesse tipo de sociedade. E talvez essa é a razão do declínio da psicanálise, uma vez que seus modelos não são mais correspondentes à nossa configuração social. Mas há outro motivo para o declínio da psicanálise, mas que já era previsto por Freud, ele que, no final de sua existência expressou que “a psicanálise é uma ciência provisória com a qual descrevemos em termos psicológicos aquilo que um dia a biologia descreverá em termos científicos.” Deste modo, a neurociência hoje nos explica aquilo que Freud descreveu talvez de modo literário, mesmo que no seu enxergar era clínico.

O fato de que a psicanálise pode declinar enquanto teoria e enquanto clínica não é interessante. Ela falou do inconsciente como uma espécie de indicador de uma subjetividade que mora em nós, que é a subjetividade da espécie, com Freud, ou daquela outra subjetividade que mora em nós, que é a loucura, segundo Jung. Esses dois cenários serão sempre recordados, pois nós nos consideramos sujeitos de nossa vida, padrões de nossa existência. Mas, segundo Freud, o eu não é nunca patrão em casa própria. Isso será eterno, e nós não queremos nunca encontrar nosso limite, mas como adverte Aristóteles, quem não conhece seu limite teme o destino.⁴

⁴ A fim de aprofundar essa questão conducente ao Estagirita, recomendamos: ARISTÓTELES. *Politique*, ed. bilingüe grego-francês de Jean Aubonnet, Paris, Les Belles Lettres, tomo II, primera parte, 1971.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Politique*, ed. bilingüe griego-francés de Jean Aubonnet, Paris, Les Belles Lettres, tomo II, primera parte, 1971.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, p. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1920).

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1996.

PLATÃO. *Ion*. Lisboa: Edições Inquérit, 1988.

SCHOPENHAUER, A. *Le monde comme volonté et comme représentation*. (A. Burdeau, Trad.). Paris: PUF, 2009.